



# Primo Levi: A queda do Sobrevivente

Primo Levi: The Survivor's fall



*Campo de Auschwitz*

Adrian Gramary  
Médico Psiquiatra

*Correspondência relacionada com o artigo:*  
Centro Hospitalar Conde de Ferreira (Porto)  
e-mail: [adrian.gramary@gmail.com](mailto:adrian.gramary@gmail.com)

## 1 - Uma queda no vazio

No sábado dia 11 de Abril de 1987, a opinião pública italiana ficou sobressaltada com a notícia da morte violenta do escritor Primo Levi. Às dez da manhã, a porteira tinha tocado, como cada manhã, a campainha do terceiro andar, onde Levi morava, para lhe entregar a correspondência. O próprio escritor, que estava só com a mãe, abriu-lhe a porta e recebeu a correspondência da mão da porteira. Sorriu, agradeceu e fechou a porta. A seguir, a porteira desceu a pé as largas escadas, cujo espaço central ocupava a caixa do elevador. Ainda não tinha acabado de chegar ao rés-do-chão, quando ouviu o estrondo provocado pelo corpo de

Levi a bater contra as escadas, junto ao elevador. A autópsia de Levi confirmou a suspeita inicial de suicídio. A explicação para o acontecido seria a seguinte: Levi, apenas uns minutos após receber, com a sua amabilidade habitual, a correspondência da porteira, saiu do apartamento e saltou pelo corrimão para atirar-se ao vazio.

A morte de Levi, sobrevivente do campo de Auschwitz, embora inesperada para as pessoas mais próximas, parecia *a posteriori* facilmente explicável como consequência do peso insustentável das recordações da passagem pelo campo de extermínio. No entanto, em essência, o seu suicídio contradizia e questionava a mensagem básica da sua obra e da sua própria vida: o testemunho positivo de um sobrevivente do horror dos campos de extermínio, que tinha dedicado a sua vida a manter viva a sua memória.

## 2 - Suicídio versus acidente: o artigo de Gambetta

Os biógrafos mais conhecidos de Primo Levi, entre os quais se encontra **Myriam Anissimov**, autora do livro **Primo Levi ou a tragédia de um optimista**<sup>1</sup>, aceitaram tacitamente a hipótese do suicídio. Face a esta situação de aparente consenso, só recentemente surgiu uma voz discordante, a de Diego Gambetta, professor de Sociologia da Universidade de Cambridge, que em 1999 publica na revista *Boston Review* um artigo que despoletou a polémica, ao contestar frontalmente a teoria do suicídio: **The Last Moments of Primo Levi**.<sup>2</sup>

O artigo de Gambetta parte de uma evidência: Levi, no período que antecedeu a sua morte, estava a passar por um grave episódio depressivo, motivo pelo qual tinha sido medicado com antidepressivos pelo seu primo médico Giorgio Luzzati. Este facto está também testemunhado na carta que Levi enviou ao seu amigo, o cardiologista David Mendel, no dia 7 de Fevereiro de 1987, onde fez a seguinte confissão: *“Estou a passar por uma depressão bastante séria; perdi o interesse na escrita e até na leitura. Sinto-me afundado e não quero ver ninguém. Como sei que és um bom médico, pergunto-te o que é que deveria fazer. Sinto que necessito ajuda, mas não sei de que tipo.”*<sup>3</sup>

Levi tinha propensão para sofrer depressões recorrentes, tendo havido registo da sua ocorrência em, pelo menos, duas ocasiões sem acontecimentos desencadeantes apa-

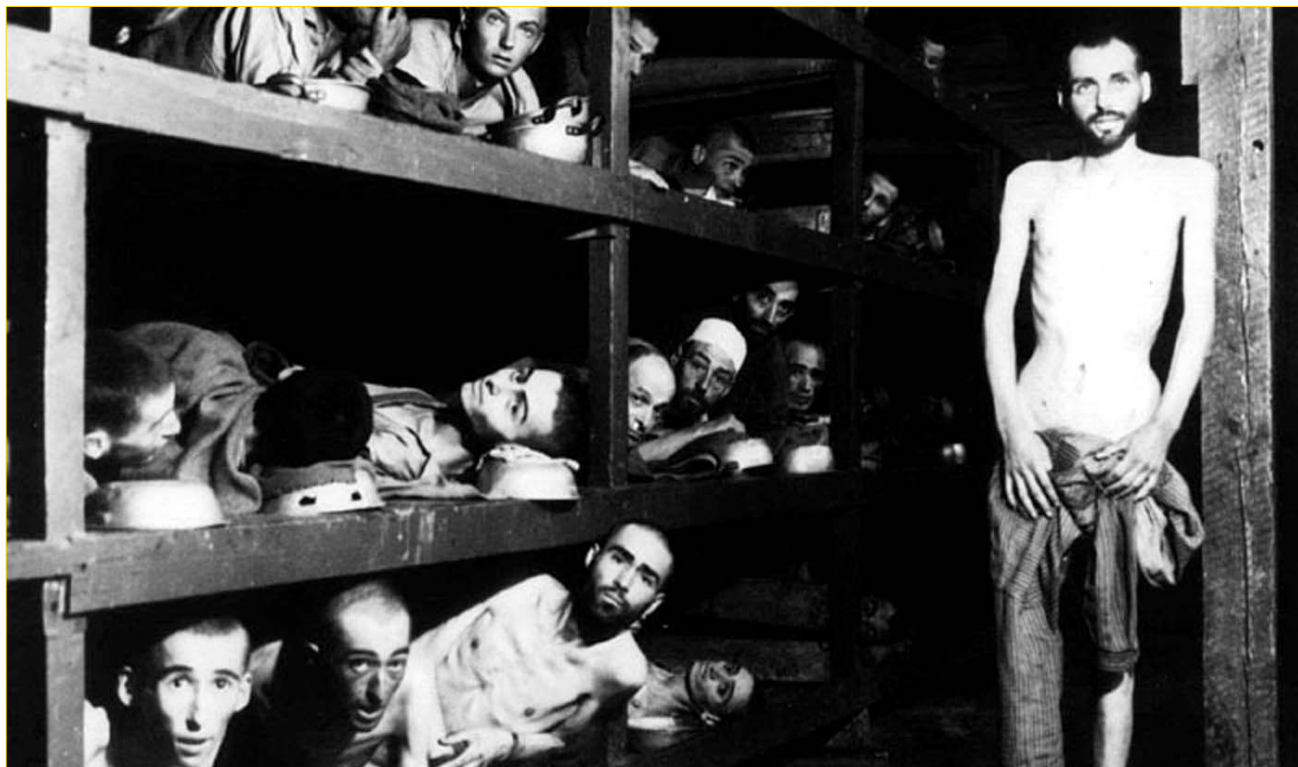
rentes. Existe ainda o antecedente familiar do avô, que se tinha suicidado, devido às dificuldades para lidar com os ciúmes patológicos que sentia pela sua mulher.

Desta premissa Gambetta parte para diferentes questões. Em primeiro lugar, questiona a causa da depressão, que bem poderia não ser, como facilmente se poderia supor, um efeito retardado da experiência de Auschwitz. Segundo o autor, esta poderia resultar do medo de não vir a ter mais capacidade para voltar a escrever (medo que o escritor teria exprimido numa entrevista para um jornal italiano). Uma outra hipótese possível seriam as dificuldades que Levi sentia para lidar com o peso de ter de cuidar da mãe e da sogra, duas mulheres nonagenárias, doentes e senis, que viviam com ele e a mulher. Para alguns membros da comunidade judia de Turim, outra eventual explicação seria o sofrimento que a controvérsia revisionista desencadeada por alguns historiadores que negavam, pelos menos em parte, a experiência dos campos provocou em Levi. Existe ainda outro factor médico relevante: Levi tinha sido operado à próstata vinte dias antes da caída e ainda se sentia debilitado.

Gambetta identifica inúmeros dados que permitem colocar dúvidas sobre a hipótese do suicídio. Por exemplo considera lícito perguntar-se: se um químico como Levi se tentou suicidar, teria escolhido um método tão pouco fiável, e que no melhor dos casos poderia conduzir a uma agonia interminável numa cama de hospital? Por outro lado, Levi não deixou nenhum escrito a explicar a decisão tomada, nem fez testamento, o que não resulta muito coerente com a sua fama de homem ordenado e precavido. Outro dado que surpreende é o facto do autor, nos dias que antecederam a sua morte, não ter exprimido verbalmente a hipótese do suicídio nem a familiares nem a amigos.

Existe ainda a conhecida controvérsia de Levi com outros escritores judeus sobreviventes, que tinham optado pelo suicídio, como Amery ou Celan, e pelos quais nunca manifestou especial compreensão ou simpatia.

Para complicar ainda mais as coisas está o depoimento do Rabino de Roma, que no décimo aniversário da morte de Levi surpreendeu a opinião pública italiana ao revelar ter recebido um telefonema, dez minutos antes da morte do escritor, em que este lhe terá dito: *“Não posso continuar com esta vida. A minha mãe tem cancro e cada vez que olho para ela recordo os rostos de aqueles homens deitados nos barracões de Auschwitz”*.<sup>4</sup> Em relação a este



*Prisioneiros no campo de Birkenau*

depoimento, Gambetta salienta as aparentes contradições que nele podemos encontrar: Levi não era um homem religioso e, além disso, morreu num sábado, o Sabbath judeu, dia em que está expressamente vedado o uso de aparelhos eléctricos, entre outros o telefone.

Partindo da reconstrução dos factos Gambetta conclui que, se a queda foi voluntária, não foi planeada e terá sido, em qualquer caso, fruto de um impulso repentino.

Também considera, finalmente, a hipótese de que a queda pudesse ter sido um acidente provocado pelos efeitos secundários dos antidepressivos, em particular, pela hipotensão.

Miriam Anissimov, por seu lado, encontra um parágrafo talvez premonitório no livro *Se isto é um homem* (livro publicado em 1947) que nos faz pensar que a ideia de acabar com a sua vida atirando-se desde um terceiro andar não era totalmente estranha para Levi. O fragmento é o seguinte: *“Ninguém, nem nós nem eles, pensava que a promiscuidade inevitável com os nossos doentes tornasse muito perigosa a estada no nosso quarto, e que adoecer com difteria naquelas condições era sem dúvida mais mor-*

*tal do que atirar-se de um terceiro andar.”*<sup>5</sup>

### 3 - A libertação de Auschwitz

No dia 27 de Janeiro do passado ano de 2005 celebrou-se o aniversário dos sessenta anos da libertação do campo de extermínio nazi de Auschwitz, na Polónia, pelo Exército Vermelho. Tal como relembra um artigo de *Irene Pimentel* na revista *História*, os soviéticos, quando chegaram, depararam-se com um grupo de cerca de 7.500 prisioneiros<sup>6</sup>, formado basicamente por aqueles que estavam demasiado doentes para incorporar as tristemente famosas *“marchas da morte”* em que os nazis, perante a iminente chegada das tropas soviéticas, tentavam arrastar os prisioneiros para o oeste, para os campos de extermínio localizados em território alemão, como Bergen-Belsen, Buchenwald e Dachau. Um dos prisioneiros que, nesse dia frio de 1945, pôde confrontar-se, da sua cama da enfermaria do campo de Auschwitz-Monowitz, com a expressão de desolação e vergonha dos soldados soviéticos, foi o químico italiano Primo Levi.



Portão de entrada de Auschwitz

Levi, membro de uma família judia sefardita de origem espanhola, residente em Itália desde a sua expulsão da península ibérica no século XVI, tinha sido deportado para o campo de Auschwitz após ter sido capturado pelas milícias fascistas - que por sua vez o tinham entregue ao exército nazi - quando fazia parte de um grupo da resistência do Piemonte.

Durante a sua estada no campo fez parte de um comando químico que trabalhava na fábrica que o império industrial mais importante da química alemã, a IG Farben, tinha criado ao lado do campo de Auschwitz-Monowitz, dedicada ao fabrico de borracha sintética. Como refere Miriam Anissimov, em Auschwitz, Levi *“observava e registava. Nada lhe fugia. Analisava os comportamentos mais anódinos, as reacções mais aparentemente insignificantes, que lhe revelavam os abismos do comportamento humano.”*<sup>7</sup>

#### 4 - O regresso a casa

Após a libertação, o exército soviético transferiu os sobreviventes para um campo de reagrupamento em Katowice.

O comandante do campo, tentando reunir informação sobre as condições higiénico-sanitárias do campo, solicitou a Levi e a outro sobrevivente, Leonardo Debenedetti, atendendo à sua condição de químico e médico respectivamente, a redacção de um relatório. Deste trabalho resultou o **Relatório sobre a organização higiénico-sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz - Auschwitz**, redigido em 1945, que foi o primeiro texto escrito por Levi. Publicado na revista médica *Minerva*, constitui a matriz da sua obra testemunhal. Nesse relatório, aparece pela primeira vez a descrição pormenorizada do inferno de Auschwitz: o uso do gás Zyklon B, a tatuagem numérica dos prisioneiros ou a extracção do cabelo e dos dentes de ouro dos cadáveres<sup>8</sup>.

No período de desconcerto do pós-guerra, os prisioneiros libertados foram deixados a si próprios e tiveram que encontrar sozinhos o caminho de volta a suas casas. Levi iniciou uma viagem acidentada, percorrendo múltiplos países de uma Europa devastada, périplo que mais tarde iria descrever no seu livro **A trégua**. Nessa viagem, passou

durante alguns dias, por terras alemãs, registando no seu livro: “Sabiam eles o que tinha acontecido em Auschwitz, as matanças silenciosas e quotidianas, a um passo das suas portas? Se o sabiam, como podiam andar pelas ruas, voltar às suas casas, olhar para os seus filhos, atravessar o átrio de uma igreja? Se não o sabiam, tinham que nos escutar religiosamente, informar-se por nós, por mim, de tudo e rapidamente; sentia o número tatuado no meu braço gritar como uma ferida”.<sup>9</sup>

## 5 - Químico de dia, escritor de noite

Uma vez em Turim, Levi retoma a actividade que desempenhava antes da guerra, como químico industrial, mas as recordações do campo de extermínio e a exigência ética de escrever no lugar daqueles que já não podiam falar torna-se uma obsessão.

Numa fase inicial, Levi sofreu os sintomas habituais de stress pós-traumático: pesadelos durante a noite e pensamentos e imagens invasivas durante o dia, misturando-se a estes os sentimentos de culpabilidade por ter sobrevivido. A poesia “O sobrevivente”, escrita em 1984, descreve as imagens que o assaltavam continuamente e a sensação de culpabilidade por ter sobrevivido:

“Desde então, a hora incerta, / Aquela pena regressa, / E se não encontra quem a escute, / Queima no peito o coração. / Olha de novo os rostos dos companheiros / Lívidos na primeira luz, / Cinzentos do pó de cimento, / Imperceptíveis na bruma, / Os seus sonhos manchados de morte e angústia: / À noite apertam as suas mandíbulas / E sob o peso longo dos sonhos / Ruminam invisíveis nabos. / «Para trás, fora daqui, / Afastai-vos. Eu não suplantei ninguém, / Não usurpei o pão de ninguém, / Ninguém morreu em meu lugar. Ninguém. / Retornem às vossas brumas. / Não é a minha culpa se vivo e respiro / Se como e se bebo, se durmo e estou vestido».”<sup>10</sup>

No seu livro **A trégua** relata um sonho que o terá torturado inúmeras vezes, nesta fase da sua vida:

“Há um sonho pleno de horror que não deixa de me visitar (...) É um sonho dentro de um sonho. Varia nos detalhes mas não na substância. Posso estar sentado à volta de uma mesa com a minha família ou com amigos, ou no tra-

balho, ou num campo verde. Em suma, num ambiente pacífico e descontraído, sem qualquer tensão ou aflição aparente; e, no entanto, sinto uma profunda e subtil angústia, a sensação definitiva de uma ameaça pendente. E, de facto, à medida que o sonho continua, devagar ou brutalmente, de cada vez de uma forma diferente, tudo se desintegra à minha volta, o cenário, as paredes, as pessoas, enquanto a angústia se torna cada vez mais intensa e mais definida. Agora, tudo se transforma em caos. Estou sozinho no centro de um nada cinzento e perturbador e agora sei o que significam as coisas e também sei que sempre o soube. Estou no Lager (termo alemão usado para falar dos campos) e nada é verdadeiro fora do Lager. Tudo o resto era uma breve pausa, uma ilusão dos sentidos, um sonho (...) Este sonho dentro do sonho terminou e o outro sonho continua, gélido. Uma voz bem conhecida pronuncia uma única palavra, que não é imperiosa, apenas breve. É a voz de comando do amanhecer de Auschwitz, uma palavra estrangeira, temida, esperada: *Wstawách! – Levanta-te.*”<sup>11</sup>

Impelido, segundo as suas próprias palavras, pela “necessidade de contar aos outros, de tornar os outros conscientes”<sup>12</sup>, seguindo um mandamento interior, que, como refere Philippe Mesnard, procedia “de todas as vozes que o escritor admite na sua própria, as vozes dos desaparecidos”<sup>13</sup>, Levi começa a redigir o que será o seu primeiro livro testemunho **Se isto é um homem**, para evitar que o acontecido tornasse a acontecer, . Convém ter presente que Levi era um homem de ciência, que confessou mais do que uma vez que, se não tivesse vivido o episódio de Auschwitz, provavelmente nunca se teria dedicado á escrita. Químico de dia, escritor de noite: assim resume Mesnard a actividade do escritor durante essa fase da sua vida. A este primeiro livro seguiram as outras duas obras que formam a trilogia de Auschwitz: **A trégua** em 1963 e **Os afogados e os sobreviventes** em 1986. Para a sua obra decidiu escolher, como explica no apêndice do seu livro *Se isto é um homem*, “a linguagem mesurada e sóbria da testemunha, não a lamurienta da vítima nem a iracunda do vingador”<sup>14</sup>. Mas o seu papel como testemunha não se limitou à escrita, intervindo em múltiplas palestras em escolas para evitar que a história negra dos campos caísse no esquecimento. As suas obras obtiveram um reconhecimento tardio, no início da década de oitenta, quando passaram a fazer parte das leituras escola-

res obrigatórias dos liceus italianos e franceses.

A Trilogia de Auschwitz permite compreender melhor a sofisticação da indústria de destruição nazi, evidente por exemplo na escolha da tatuagem e da cremação, estratégias cujo objectivo era a animalização e rápida destruição dos prisioneiros, mas que eram, por sua vez, expressamente proibidas pela lei mosaica; ou o uso do Zyklon B, com a sua evidente carga simbólica, associada ao facto de ser um derivado do cianeto usado inicialmente para eliminar os parasitas da roupa. Um dos aspectos mais destacados da obra de Levi é que nela, o autor, não se limitou a descrever os horrores criados pelos carrascos nazis, enfrentando com coragem a descrição das mudanças operadas nos sobreviventes, do processo de aniquilamento moral e intelectual que conduzia, finalmente, ao desaparecimento de qualquer vestígio de civilização. Surgiu assim a ideia da “zona cinzenta”, essa zona onde o bem e o mal não estavam claramente delimitados, e onde só assim se pode explicar a colaboração de alguns prisioneiros com os assassinos, cuja expressão máxima está representada pelos *Sonderkommandos*, os comandos de judeus que, em troca de uma alimentação abundante e da sobrevivência por mais algum tempo, assumiam a responsabilidade do funcionamento dos crematórios: a eles correspondia conduzir os recém chegados até as câmaras de gás, cortar o cabelo das mulheres, tirar os dentes de ouro das mandíbulas dos cadáveres, classificar as roupas, sapatos e malas, levar os corpos até aos crematórios e tirar e fazer desaparecer as cinzas. Tudo isto não evitava, obviamente, que a lógica macabra do campo fizesse com que eles próprios fossem também cremados e logo substituídos por outros. O rito iniciático de um novo comando consistia em queimar os corpos dos que lhes tinham precedido. Levi pensava, com razão, que este tinha sido o “delito mais demoníaco” do nacional-socialismo e a melhor demonstração do refinamento da perfídia dos nazis, que tentavam desta forma deslocar a culpa para as próprias vítimas, ao mesmo tempo que tentavam demonstrar que a sub-raça dos judeus era tão “infrahumana” que até se prestava para se destruir a si própria.

Uma das grandes obsessões de Levi, talvez expressão da sua culpabilidade por ter sobrevivido, era a sua consciência de que nos campos tinham desaparecido os melhores: para ele, nomeadamente tinham sobrevivido os mais aptos, isto é, os piores, “os egoístas, os violentos, os insensíveis, os colaboradores da zona cinzenta, os espírios.”<sup>15</sup>



Primo Levi

Apesar desta reflexão crua do horror, a mensagem final de Levi é de esperança. No início do seu primeiro livro, faz-nos saber qual foi a lição que aprendeu logo após a entrada no campo e qual o motivo que o fez continuar a lutar pela sobrevivência:

*“Também neste lugar pode-se sobreviver, e por isso é preciso querer sobreviver, para contar, para testemunhar; e que para viver é importante esforçarmo-nos para salvar pelo menos o esqueleto, os pilares, a forma da nossa civilização (...) Temos, portanto, sem dúvida de lavar a cara sem sabão, na água suja, e limparmo-nos ao casaco. Temos de engraxar os sapatos, não porque a tal obriga o regulamento, mas por dignidade e propriedade. Temos de caminhar direitos, sem arrastar as socas, certamente não em homenagem à disciplina prussiana, mas para nos mantermos vivos, para não começarmos a morrer.”<sup>16</sup>*

Assim aprendeu que era necessário manter o rito da higiene pessoal para conservar a sua dignidade como pessoa e manter viva a sua rejeição da barbárie. A sua foi uma luta contra a decisão alheia de o anular como homem para depois matá-lo lentamente.

## 6 - O silêncio de Deus em Auschwitz

Para Levi, homem agnóstico, filho da tradição racionalista e do iluminismo, o genocídio dos judeus tinha uma explica-

ção racional: era a consequência da confluência das correntes anti-semitas europeias, o fascismo e a loucura geométrica germânica, com a sua conhecida necessidade de levar tudo até ao fim. Como refere na última parte da trilogia “*Entrei no Lager como não crente; e como não crente fui libertado e vivi até hoje; a experiência do Lager, a sua iniquidade terrível, ainda mais confirmou a minha convicção no meu laicismo*”.<sup>17</sup> Isto possibilitou que o genocídio não provocasse nele a crise espiritual que sofreram homens de Fé como Elie Wiesel, criança devota, estudante do Talmud, obrigada a confrontar-se com o horror dos campos e que no seu livro **Noite** faz a seguinte declaração avassaladora:

*“Pela primeira vez, senti crescer em mim a revolta. Por que é que eu devia santificar o seu Nome? O Eterno, Senhor do universo, o Eterno Todo-Poderoso e Terrível calava-se, por que razão eu Lhe agradecerá? (...)*

*Nunca mais esquecerei esta noite, a primeira noite no campo, que fez da minha vida uma noite longa e sete vezes aferrolhada.*

*Nunca mais esquecerei aquele fumo.*

*Nunca mais esquecerei as pequeninas caras das crianças cujos corpos eu tinha visto transformarem-se em espirais sob um azul mudo.*

*Nunca mais esquecerei estas chamas que consumiram para sempre a minha Fé.*

*Nunca mais esquecerei este silêncio nocturno que me privou, para a eternidade, do desejo de viver.*

*Nunca mais esquecerei estes momentos que assassinaram o meu Deus e a minha alma, e os meus sonhos, que tomaram a aparência de um deserto.”*<sup>18</sup>

Como recorda **João Medina** no seu livro **Auschwitz e Moscovo**, o silêncio de Deus em Auschwitz - ou o “eclipse de Deus” como o chamou Martin Buber - atormentou a muitos dos que sobreviveram, porque Auschwitz foi para eles “o local onde Deus se calou e escondeu a face, onde Deus, como no Livro de Job, não respondeu ao grito de horror do homem que sofria”.<sup>19</sup>

## 7 - Levi e a literatura sobre os Lager

A obra de Primo Levi insere-se na vasta obra testemunhal escrita sobre a experiência dos campos de concentração e extermínio nazis. Muitos autores, como Bruno Bettelheim,

Viktor Frankl ou Jorge Semprum escreveram as suas memórias sobre os Lager; mas talvez sejam o prémio Nobel da Paz **Elie Wiesel**, com o seu conhecido livro **Noite**, e o prémio Nobel de Literatura de 2002 **Imre Kertész**, com a sua obra **Sem destino**, os autores mais destacados deste universo literário.

A obra de Levi é provavelmente a mais optimista dentro deste universo literário, e tenta demonstrar que é possível acreditar e apostar no homem após Auschwitz. É por isso que o seu humanismo radical persiste inalterável, independentemente da causa real da sua queda.

## Bibliografia

1. Anissimov Myriam (2001): Primo Levi o la tragedia de un optimista. Editorial Complutense. 2001. Madrid (tradução espanhola do original francês “Primo Levi ou la tragédie d’un optimiste”)
2. Gambetta Diego (2004): Los últimos momentos de Primo Levi. In Revista de Occidente Nº 277. Junio 2004. Madrid (tradução espanhola do original Last moments of Primo Levi In Boston Review 1999)
3. Anissimov Myriam, *op. cit.*, p.523.
4. Anissimov Myriam, *op. cit.*, p.534.
5. Levi P (2001): Se isto é um homem. Estórias Editorial Teorema. Lisboa, p.164.
6. Pimentel Irene: A libertação de Auschwitz In História. Nº73. Fevereiro 2005. Ano XXVI (III Série), p. 24.
7. Anissimov Myriam, *op. cit.*, p.142.
8. Levi P (2005): Informe sobre Auschwitz. Reverso Ediciones. Barcelona.
9. Levi P (2005): Trilogia de Auchwitz. El Aleph. 2005. Barcelona, p. 466.
10. Levi P (2005): Ad ora incerta - A una hora incierta. Poesia 1919-1987. Editorial La poesia, señor hidalgo. Barcelona, p.142.
11. Levi P (2005): Trilogia de Auchwitz. *op. cit.*, p. 470.
12. Levi P (2001): Se isto é um homem. *op.cit.*, p. 9.
13. Levi P (2005): Informe sobre Auschwitz. *op.cit.*, p.11.
14. Levi P (2005): Trilogia de Auchwitz. *op.cit.*, p. 216.
15. Levi P (2005): Trilogia de Auchwitz. *op.cit.*, p.540.
16. Levi P (2001): Se isto é um homem. *op.cit.*, p.40.
- 17- Levi P (2005): Trilogia de Auchwitz. *op.cit.*, p.597.
18. Wiesel Elie (2003): Noite. Texto Editora. Lisboa, pp. 41-42.
19. Medina João (2006): Auschwitz e Moscovo (O silêncio de Deus em Auschwitz) Caleidoscópio. Lisboa, p. 65.